

Isenção, Neutralidade E Imparcialidade - As Premissas Do Jornalismo Na Cobertura Da Apuração Das Eleições Presidenciais (2018 E 2022)¹

Erica Nayara de Souza Loraschi²

Ariane Carla Pereira³

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, Guarapuava, PR

RESUMO

Este estudo analisou o possível posicionamento dos apresentadores William Bonner e Renata Lo Prete nos Plantões das Eleições Presidenciais de 2018 e 2022 da Rede Globo. Inicialmente, foram explorados os princípios do jornalismo, tais como objetividade, imparcialidade e neutralidade. Em seguida, aplicou-se a teoria da dramaturgia do telejornalismo de Iluska Coutinho, utilizando sua análise da materialidade audiovisual (AMA) para avaliar a cobertura dos eventos políticos. Concluiu-se que houve um posicionamento por parte dos apresentadores durante a cobertura das apurações das duas últimas eleições presidenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Jornalismo político; Cobertura Política; Plantão das Eleições; Rede Globo.

Introdução

A inquietação inicial a nos mover foi a possibilidade - ou não - do jornalista manter-se imparcial, objetivo e neutro quando se trata de momentos tão importantes para o país, como são as eleições presidenciais. Para responder a essa pergunta - ou seja, compreender como os jornalistas se comportaram no exercício da profissão, nossa proposta é analisar a cobertura⁴ da apuração do segundo turno para presidente do Brasil nas eleições de 2018 e de 2022, transmitidos pela Rede Globo. O objetivo é identificar se os jornalistas que apresentaram esses plantões noticiosos - William Bonner e Renata Lo Prete - deixaram vazar, em materialidades verbais, evidências de suas preferências políticas em cada uma das duas transmissões.

Olhar teórico - Parte 1: Premissas do jornalismo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos a Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Jornalista recém-formada pela Unicentro, email: loraschi0@gmail.com

³ Jornalista, mestre em Letras, doutora em Comunicação e Cultura. Professora do curso de Jornalismo da Unicentro e orientadora do trabalho, email: ariane@unicentro.br.

⁴ O acesso às unidades informativas se deu via GloboPlay, que é o serviço de streaming do grupo Globo.

Entender o cenário atual do jornalismo requer uma análise das suas premissas e das transformações que ocorreram na prática jornalística ao longo do tempo.

Não existe uma única definição das atribuições do jornalista ou do próprio jornalismo. Amaral destaca que “os primeiros jornais também eram de opinião” (1987, p. 18). “Os historiadores”, segundo o autor, “estão de acordo em assinalar que as principais características do jornalismo brasileiro no período de transição para o século XX eram a falta de recursos, a linguagem desabrida, o tribunismo, o sectarismo e o beletrismo” (Amaral, 1996, p. 69).

Com o encerramento do século XIX e com a abertura do século XX teve início o processo de profissionalização do jornalismo, que culminou com as balizas do modelo que adotamos ainda hoje, com algumas mudanças tecnológicas e nos modos de fazer de lá para cá.

A expansão da imprensa foi alimentada pela crescente conquista de direitos fundamentais, como a liberdade, cerne de lutas políticas seculares que incendiaram revoltas e revoluções, valor central da emergência de um novo conceito de governo - a democracia (TRAQUINA, 2004, p. 40).

Contexto que exigiu uma nova postura tanto dos jornalistas quanto dos veículos de comunicação.

O jornalismo - para ser respeitado, ético e ter credibilidade - precisa seguir normas que surgiram na década de 20 do século passado: o "bom" e "verdadeiro" texto jornalístico, ensinam os manuais de redação e os livros de técnicas de reportagem atuais, deve ser imparcial, isento e objetivo. (PEREIRA, 2010, p. 50)

Se o jornalismo está balizado em preceitos que orientam sua prática, com o fazer telejornalístico não é diferente. O telejornalismo é, em primeiro lugar, jornalismo e, por isso, segue as regras gerais da profissão. Porém, por sua característica audiovisual, também tem modos de fazer que são próprios do meio, que foram descritos por Iluska Coutinho como uma espécie de “dramaturgia do telejornalismo”.

Olhar teórico - Parte 2: Dramaturgia do telejornalismo

Em sua tese de doutorado intitulada *Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro: A Estrutura Narrativa das Notícias em Televisão* (2003), a jornalista, pesquisadora e professora Iluska Coutinho buscou confirmar, empiricamente, sua proposição teórica, ou seja, a de que o telejornal é uma “narrativa dramática”.

De acordo com a autora, o telejornalismo segue uma dada dramaturgia, entendida como um conjunto de elementos que o tornam reconhecíveis como tal. “O objetivo final da dramaturgia”, reforça, “é a representação do mundo” (Coutinho, 2003, p. 110). Assim, ela procura evidenciar que no Brasil das telenovelas e dos telejornais, um acaba se valendo do outro na construção de suas narrativas - ficcionais, no primeiro caso, e jornalísticas, no segundo.

Se por um lado as telenovelas brasileiras inserem elementos do cotidiano ou conteúdos informativos em seu enredo, haveria na outra direção um processo de dramatização nos formatos informativos. É nessa perspectiva que defendemos a existência de uma estrutura dramática na organização e edição das notícias nos telejornais brasileiros. (COUTINHO, 2003, p. 113)

A dramaturgia do telejornalismo, portanto, é formada por um conjunto de elementos que passam a ser replicados e conferem a este produto características de jornalismo audiovisual - como a presença dos mesmos jornalistas todos os dias apresentando determinado programa, o cenário, seus letreiros, o projeto videográfico, o repórter com o microfone em que há a canopla com a logo da emissora e, sobretudo, a estrutura narrativa, ancorada no conflito, na presença de fontes e de personagens.

Metodologia: Análise da Materialidade Audiovisual

Neste tópico, voltamos a recorrer à pesquisadora Iluska Coutinho. Afinal, para o desenvolvimento dos gestos de leitura nos valeremos da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) - metodologia proposta e desenvolvida por ela, voltada especificamente para produtos audiovisuais, em especial os jornalísticos.

De acordo com Iluska Coutinho (2018, p. 187), a AMA é uma abordagem que engloba a unidade audiovisual em sua totalidade durante o processo analítico. Assim, são considerados “texto+som+imagem+tempo+edição”, além de códigos, sentidos e símbolos, que são examinados como um conjunto integrado.

Para compreender esse todo que é o texto audiovisual, a autora propõe para sejam elaboradas, pelos pesquisadores, fichas de análise, que funcionariam como um questionário a ser aplicado no corpus, e compreenderiam os conceitos teóricos e os objetivos norteadores da pesquisa.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi desenvolvido uma ficha de análise separada em duas seções para cada plantão: uma voltada para o posicionamento geral da

emissora e outra para o posicionamento dos âncoras (jornalistas que apresentaram o Plantão). A primeira parte contém 25 perguntas, enquanto a segunda possui 17.

Análises e considerações

Após responder todas as perguntas, é possível perceber que o plantão de 2018 é um reflexo da expectativa do público e dos jornalistas de que um candidato à presidência, que não pertencesse ao Partido dos Trabalhadores (PT), representasse uma solução para lidar com as crises que assolavam o país naquela época - em especial, a luta anti-corrupção, naquele momento liderada pela Operação Lava Jato, que contava não apenas com o apoio da sociedade civil, mas também da maior emissora do país - a TV Globo, através de seus telejornais.

Quando se analisam os adjetivos atribuídos pelos jornalistas a Jair Messias Bolsonaro (PSL) destacam-se "político antipetista" e "político inovador". Evidencia-se a tentativa de vendê-lo como a personificação dessa novidade na política, mesmo que ele já tivesse ocupado sete mandatos como deputado federal. Sua posição antissistema e, sobretudo, anti-PT, são suficientes, naquele momento, para colocá-lo na posição de representante da mudança.

Este posicionamento anti-PT também é perceptível quando a transmissão é direcionada à cobertura do candidato petista, Fernando Haddad. Há, por exemplo, uma tentativa de fazê-lo parecer uma espécie de fantoche de Lula, um boneco do tipo ventríloquo que está ali apenas para defender o que seria indefensável, segundo as condições de possibilidade do momento - o Partido dos Trabalhadores; o ex-presidente Lula, que estava preso em Curitiba; e a presidente cassada Dilma Rousseff. Isso acontece quando o que está em pauta é o discurso de reconhecimento da derrota por Haddad, em que há uma crítica pela defesa dos temas acima listados.

Um exemplo destacável ocorre quando Lo Prete observa: “o que chama atenção no discurso de Haddad é isso, fala em respeitar os resultados, mas não menciona o candidato vitorioso, resgatar temas e personagens como Dilma Rousseff e Lula, sobre os quais ele não falou no segundo turno, e se coloca para ter papel na futura oposição”.

Já no Plantão de 2022, a situação é totalmente diferente. Logo nos primeiros momentos, os apresentadores deixam isso claro. Lo Prete, por exemplo, pondera que "um dos lados reivindicava para si e só para si as cores da bandeira do Brasil, que são,

por óbvio, do Brasil e de todos nós". Continuando, Renata destaca que os símbolos nacionais são de todos os brasileiros e não de uma parte da população e, muito menos, devem ser usados com fins político-partidários. Visão que, segundo a jornalista, é também do presidente eleito, Lula, que não recorre ao vermelho do PT para a comemoração da vitória, mas ao branco (cor da paz) na vestimenta e ao verde e amarelo do Brasil, ao segurar a bandeira.

Para além desta simbologia, Bonner complementa a intervenção de Renata afirmando que o teor do discurso de Lula sugere uma "sensação de retorno à normalidade". Ou seja, se é preciso retornar a normalidade significa que, naquele momento, isto é, sob o governo de Bolsonaro, o que o Brasil vivia era a anormalidade.

Em diversas vezes os apresentadores criticam o valor gasto por Bolsonaro na tentativa de se reeleger. De acordo com Renata Lo Prete, era crítica a situação das contas públicas do país, "muito pioradas pelo esforço do governo atual em reeleger Jair Bolsonaro". A apresentadora se opõe, assim, ao então presidente, criticando seus gastos excessivos. Como exemplificação recordamos que, em março de 2023, a revista *Veja* publicou uma matéria, assinada por José Casado, revelando que o governo de Bolsonaro gastou 300 bilhões de reais na tentativa de reeleição que, por isso, foi considerada a "derrota eleitoral mais cara da história recente" ⁵.

Lo Prete critica ainda a atitude de Bolsonaro de não aceitar publicamente a derrota. "Outro aspecto inédito da noite", destaca a jornalista, "é o presidente derrotado não reconhecer a derrota no mesmo dia e também não cumprimentar o candidato vencedor". O programa mostra que um repórter permaneceu em frente ao Palácio da Alvorada durante todo o tempo, aguardando o pronunciamento que Bolsonaro prometeu fazer. Ambos os jornalistas finalizam esse tema destacando a ausência de um espírito democrático por parte do ex-presidente.

Em contraste com os defeitos de Bolsonaro, Bonner destaca as qualidades de Lula em vários momentos da transmissão. Um deles aconteceu enquanto era exibido o discurso de Lula para seus apoiadores, na festa da vitória, na Avenida Paulista: "essa é uma característica de Lula, né, ele articular politicamente, conseguir aparar as arestas. Essa é uma capacidade que ele tem - não é o único político brasileiro famoso por essa qualidade, mas certamente é uma qualidade reconhecida por muitos de seus

⁵ [Dinheiro público: Bolsonaro: um fiasco eleitoral de 300 bilhões de reais | VEJA \(abril.com.br\)](#). Acesso em: 07 de fev. 2024.

adversários” (ao falar sobre trazer o ex-adversário político Geraldo Alckmin, para ser seu vice).

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre, Sagra - DC Luzzatto, 1996.

AMARAL, L. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.

COUTINHO, I. M. S. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018, p. 175-194.

COUTINHO, I. M. S. **Dramaturgia Do Telejornalismo Brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em televisão. Dissertação (Tese de doutorado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo** - volume I - Porque as notícias são como são. Florianópolis, Editora Insular, 2004.

PEREIRA, C. A. **Rota 66 em revista** - As resistências no discurso do livro-reportagem. Guarapuava, Editora Unicentro, 2010.